

Redescobrimo a Terra da Bíblia

Paul Richard Wilkinson

* Extraído com permissão autoral do livro “For Zion’s Sake” (Por Amor de Sião), de Paul Richard Wilkinson.

** O referido livro foi recentemente relançado com o título “Understanding Christian Zionism”.



CAPÍTULO 7 REDESCOBRINDO A TERRA DA BÍBLIA

Muitos dos que participaram das conferências de Albury Park, incluindo o Reverendo William “Millennial” Marsh (1775-1864), destacaram as referências “sempre ocorrentes”¹ nas Escrituras referentes à ligação indissociável entre o povo judeu e a Terra de Israel. Marsh sugeriu que se sua prometida restauração não estivesse ocupando a atenção da igreja como havia ocupado a dos apóstolos e profetas de antigamente, então “não somos do mesmo espírito com eles”.² À medida que o século 19 prosseguia, homens e mulheres de todas as classes sociais tornaram-se cativados por uma terra e por um povo há muito tempo abandonado e negligenciado.

A TERRA DESOLADA

Na quinta de suas *Populares Palestras sobre Profecias Relativas à Nação Judaica*, Hugh McNeile previu confiantemente que Eretz Yisrael experimentaria “uma renovação literal de beleza e fertilidade, acompanhada por uma multiplicação de feras sobre ela, bem como de homens”.³ O testemunho consistente de viajantes e exploradores do século 19 foi que a famosa terra de leite e mel est“á ainda na Idade Média”,⁴ abandonada e em ruínas.⁵ O relato mais célebre foi escrito por Samuel L. Clemens, vulgo Mark Twain, que publicou uma crônica de suas viagens ao Oriente Médio. Em *Os Inocentes no Exterior* (1869), ele escreveu o seguinte:

A Palestina está sentada em sacos e cinzas. Sobre ela paira o feitiço de uma maldição que secou seus campos e dizimou suas energias...Nazaré está desamparada; sobre aquele vau do Jordão por onde os exércitos de Israel entraram na Terra Prometida com canções de alegria, encontra-se apenas um campo esquelético de excêntricos Beduínos do deserto.... Belém e Betânia, em sua pobreza e humilhação, não têm nada nelas agora que nos traga à memória que elas já experimentaram a alta e honrosa presença do

¹ William Marsh, *A Few Plain Thoughts on Prophecy* (olchester: n.d.), 36..

² William Marsh, “Preface,” in *Israel’s Sins, and Israel’s Hopes*. Being Lectures delivered during Lent, 1846, at St. George’s, Bloomsbury. By twelve Clergymen of the Church of England. With a Preface by the Rev. William Marsh (London: James Nisbet and Co., 1846), vi.

³ McNeile, *Popular Lectures*, 139.

⁴ Herbert Sidebotham, *Great Britain and Palestine* (London: MacMillan and Co. Limited, 1937), 83.

⁵ Maundrell and Joliffe’s accounts of the ruin of the Land are cited in Henry Smith, *The Protestant Bishopric in Jerusalem: Its Origin and Progress from the Official Documents published by Command of His Majesty the King of Prussia and from other Authentic Sources* (London: B. Wertheim, Aldine Chambers, 1847), 2.

Salvador... Jerusalém em si, o nome mais imponente da história, perdeu toda a sua antiga grandeza, e se tornou uma aldeia pobre.... Cafarnaum é uma ruína disforme... A Palestina está desolada e desprezível. E por que deveria ser de outra forma? Poderia a maldição da Deidade embelezar uma terra?⁶

Não haveria necessidade de “multiplicar citações para provar a desolação de um país que os turcos haviam possuído, e que os árabes haviam saqueado por séculos”,⁷ para que a terra fosse transformada “mais em um museu da história da igreja do que a da Bíblia”,⁸ uma mera relíquia de uma era passada. Ben-Arieh descreve Israel na época como “uma província abandonada” e “um triste remanso de um império em ruínas”.⁹ Em seu livro, *Com Nosso Exército na Palestina* (1919), Antony Bluet, que serviu no Corpo Egípcio de Transporte de Camelos do Exército Britânico, descreveu como viu “a marca do opressor na própria terra”. Embora ainda houvesse “marcas de cultivo”, a Terra havia sido abandonada pelos otomanos “e se tornado estéril e pedregosa”.¹⁰ Em 1939, o conservacionista do solo Walter Clay Lowdermilk testemunhou por si mesmo as “tristes ruínas” enquanto contemplava “a tragédia desta terra”.¹¹ No entanto, para os judeus que começaram a se reinstalar durante o século 19, a desolação que encontraram foi superada por uma imaginação “incendiada pela brilhante imagem de Sião reconstruída em glória”.¹²

A Missão da Igreja da Escócia

Em 1839, corações evangélicos foram incendiados pelo relatório de uma delegação da Igreja da Escócia que havia sido enviada à “Palestina” para relatar a condição da população judaica. Um dos membros da equipe de quatro homens foi Robert Murray McCheyne (1813-1843). Escrevendo para seus pais em 26 de junho de 1839, ele falou sobre como Judá “áentrara em cativo” com apenas “poucos homens na terra”, e como Jerusalém estava “em grande desolação” e a maioria das cidades de Judá “sem ruínas”. McCheyne orou para que Deus usasse a delegação para incitar os cristãos a amar Sião”, pois o envio deles tinha sido uma “missão de amor a Israel”. A emoção gerada pelo relatório na Escócia foi “muito grande”, despertando “os mais profundos sentimentos... de uma persuasão bíblica de que Israel ainda era `amada por amor aos patriarcas`. McCheyne acreditava que a resposta cristã adequada era tornar-se “como Deus em suas afeições peculiares”, uma vez que a Bíblia mostrou que “Deus já teve, e ainda tem, um amor peculiar pelos judeus”.¹³ Andrew Bonar, outro membro da delegação, acreditava que o futuro da igreja da Escócia dependia de sua resposta. Ele escreveu:

Se a igreja da Escócia nestes tempos difíceis “se apegar à orla das vestes dos judeus” (Zacarias 8.23), Deus talvez se lembre dela por causa de Sião.... Que o Deus de Israel, por amor ao seu antigo povo, utilize este trabalho para acender uma chama mais

⁶ Mark Twain, *The Innocents Abroad* (London: Readers Library Publishing Co. Ltd., n.d.), 234-35.

⁷ Smith, *The Protestant Bishopric*, 2.

⁸ George Adam Smith, *The Historical Geography of the Holy Land* (London: Collins, 1966), 50. David Lloyd George instruiu o general Allenby a ler o livro de Smith antes de embarcar em sua campanha pela “Palestina”. (David Lloyd George, *War Memoirs of David Lloyd George*: Vol. II [London: Odhams Press Limited, n.d.], 1090.)

⁹ Yehoshua Ben-Arieh, *The Rediscovery of the Holy Land in the Nineteenth Century* (Jerusalem: Magnes Press, Hebrew University, 1979), 11.

¹⁰ Antony Bluet, *With Our Army in Palestine* (London: Andrew Melrose Ltd., 1919), 214-15.

¹¹ Lowdermilk, *Palestine*, 24.

¹² Amos Elon, *The Israelis: Founders and Sons* (Harmondsworth: Penguin Books Ltd., 1981), 87.

¹³ 13 Bonar, *The Life of Robert Murray McCheyne*, 121-22, 102-4.

brilhante de amor aos judeus no seio de todos os que “não deixam o Senhor se esquecer de Israel” na Escócia.¹⁴

A partir da declaração publicada em maio de 2007 denunciando o Sionismo Cristão, é evidente que a Igreja da Escócia ignorou o aviso de Bonar. Em 24 de maio de 1889, por ocasião do jubileu da missão escocesa, Adolph Saphir, um cristão judeu, implorou à Assembleia Geral da Igreja Livre da Escócia “para não esquecer o amor a Israel que naquele tempo era de forma tão evidente demonstrado por vocês”. Ele acreditava que se os cristãos realmente amassem Cristo, eles não s“ óamariam os judeus”, mas entenderiam “algo das lágrimas derramadas por Jesus quando chorou sobre Jerusalém”.¹⁵

O terceiro membro da delegação foi Alexander Keith (1791-1880), cuja *Evidência da Verdade da Religião Cristã a partir do Cumprimento Literal da Profecia* (1828) passou por seis edições em quatro anos. Thomas Chalmers descreveu-a como uma obra “reconhecida em nossas salas de teologia como merecedora de um lugar alto na literatura sagrada”, e que poderia ser encontrada “em quase todas as casas e conhecida em todo lugar”.¹⁶ Keith fez uma famosa declaração de que “a terra [de Israel] é uma testemunha, assim como seu povo”, de que o período de sua desolação “é proporcional à dispersão” dos judeus. Ele cria que somente quando os judeus tivessem retornados da Diáspora à Terra não seria mais desolada, “nem o povo seria considerado abandonado mais”.¹⁷ Essa mesma convicção foi expressa por John Duncan (1796-1870), o primeiro missionário aos judeus nomeado pela Igreja da Escócia após a missão de 1839. Carinhosamente conhecido como “Rabino Duncan” por causa de seu “profundo interesse em Israel”, ele descreveu a nação judaica como “*primus inter pares* (primeira entre iguais)” e a igreja como “o filho pródigo”. Em 24 de maio de 1867, ele fez a seguinte anotação em seu diário:

Navegando de Dover para Ostend, no caminho para Pesth, encontramos uma família judia a bordo, da qual eu tomei conhecimento vendo em sua carruagem o lema, “Fuius erimus” (Nós fomos; nós seremos.) Não havia “lumus”. (Nós somos.) Israel tem de fato um presente, embora um bem lamentável; mas que passado glorioso!... Que futuro ainda mais glorioso!... Ó, o choro amargo – o corar ardente da vergonha – o beijo terno da reconciliação – os hinos alegres de um tempo há muito distante, agora em eterna e amorosa bondade recuperada, para nunca mais se separar! E esta *redintegratio amoris* (restauração do amor) se manifestará de forma mais abençoada sobre nós como vida dentre os mortos.¹⁸

As Pedras Clamam

Durante a primeira metade do século 19, o Império Otomano foi abalado pela revolta interna após seu prolongado conflito com Mehemet Ali, o Paxá do Egito. As potências europeias começaram a se preparar na expectativa de um grande despojo no “campo de glória onde reputações lendárias e imperecíveis haviam sido construídas”.¹⁹ A Terra Santa estava no

¹⁴ Andrew A. Bonar and Robert Murray McCheyne, *Narrative of a Mission of Inquiry to the Jews from the Church of Scotland in 1839* (Edinburgh: William Whyte and Co., 1850), vi.

¹⁵ Saphir, *Christ and Israel*, 14, 134.

¹⁶ Quoted in Elmore, *A Critical Examination*, 67.

¹⁷ Alexander Keith, *Evidence of the Truth of the Christian Religion derived from the Literal Fulfilment of Prophecy; Particularly as Illustrated by the History of the Jews, and by the Discoveries of Recent Travellers*, 37th ed. (London: T. Nelson and Sons, 1859), 98, 105.

¹⁸ Rich Gleanings after the Vintage from “Rabbi” Duncan, ed. James S. Sinclair (Glasgow: Free Presbyterian Publications, 1984), 13, 372-73, 385.

¹⁹ Barbara W. Tuchman, *Bible and Sword: How the British Came to Palestine* (London: Papermac, 1982), 165.

cruzamento geográfico, comercial e político do mundo, uma estreita ponte terrestre conectando três continentes e servindo como “uma estrada de impérios”.²⁰

Em 1838, Lorde Shaftesbury expressou sua esperança de que a Terra, “quando cavada e gradeada”, forneceria “o testemunho da autenticidade da Bíblia”.²¹ Como surgiram relatos de que minerais e metais preciosos haviam sido descobertos na Terra, muitos na Grã-Bretanha acreditavam que a restauração de Israel prometida por Deus era iminente. Em suas cartas para Shaftesbury, William Gosling comparou esta notícia a á“gua fria para uma alma sedenta”. Ele acreditava que a Terra estava “sendo curada”²² diante de seus olhos, e que tais descobertas forneceriam um forte incentivo para que os judeus retornassem à sua terra natal.

A ligação da Grã-Bretanha com a Terra Santa havia sido cortada durante a época da Reforma Protestante, quando “o medo da guerra, do Papado e dos turcos dissuadiram qualquer perspectiva de turismo”.²³ Embora periodicamente visitada por exploradores europeus antes do século 19, a Terra permaneceu potencialmente uma “terra incógnita”²⁴ no que diz respeito à pesquisa científica. Exploradores do início do século 19 que começaram a abrir este país desconhecido para um público mais amplo e predominantemente cristão incluíram Ulrich Seetzen, Johann Burckhardt, James Silk Buckinham e Lady Hester Stanhope. Um membro do público cristão que viajou para a “Palestina” foi o 25º Conde de Crawford, Alexander Lindsay, que em uma carta para sua mãe em 1838 descreveu a Bíblia como “o único guia seguro nesta terra de ignorância e superstição”. Referindo-se a uma crença indígena de que uma maldição repousa sobre o próprio solo, Lindsay escreveu:

Nenhuma outra maldição... repousa sobre ela, do que a induzida pela remoção dos antigos habitantes, e a vontade do Todo-Poderoso de que os ocupantes modernos nunca deveriam ser tão numerosos para não invalidar a profecia de que a terra deve desfrutar de seus sábados enquanto os herdeiros legítimos permanecessem na terra de seus inimigos.

Lindsay relatou que ainda havia bolsões de terra que “sorriem como Terra da Promessa”, e “oásis de fertilidade”, provando que ela “só espera o retorno de seus filhos banidos... para romper mais uma vez em luxúria universal, e ser tudo o que ela sempre foi nos dias de Salomão. Quando Lindsay chegou a Jerusalém e sentou-se no Monte das Oliveiras, ele viu a prometida junção de terra e pessoas contra o cenário mais magnífico do retorno de Cristo, rogando aos cristãos a “vigiar e estar prontos para sua vinda!”²⁵ Lindsay escreveu *Cartas sobre o Egito, Edom e a Terra Santa*, “a primeira publicação de uma inundação de livros de viagem à Terra Santa que nos quarenta anos seguintes saturou o público britânico”.²⁶

²⁰ Silberman, *Digging for God and Country*, 14.

²¹ Quoted in A. L. Tibawi, *British Interests in Palestine 1800-1901: A Study of Religious and Educational Enterprise* (Oxford: Oxford University Press, 1961), 183.

²² William Gosling, *Two Letters to the Right Honourable the Earl of Shaftesbury, on the Speedy Restoration of the Jews to Palestine, through the Discovery of Gold and Silver in that Land. To which is added Two Letters on the Preparation of the Land for their Return, the Building of the Temple, and Second Coming of Messiah* (London: Houlston & Stoneman, 1853), 20-21.

²³ John James Moscrop, *Measuring Jerusalem: The Palestine Exploration Fund and British Interests in the Holy Land* (London: Leicester University Press, 2000), 215.

²⁴ Ben-Arieh, *The Rediscovery of the Holy Land*, 5.

²⁵ Lord Lindsay, *Letters on Egypt, Edom, and the Holy Land*, 4th ed. (London: Henry Colburn, 1847), 243-44, 251.

²⁶ Tuchman, *Bible and Sword*, 191.

No inverno de 1839, a “herança fotográfica”²⁷ da “Palestina” começou a se desenvolver quando o fotógrafo francês, Frederic Goupil-Fesquet, fez o primeiro retrato de Jerusalém, usando um daguerreótipo (um aparelho fotográfico primitivo inventado por Daguerre). Logo, imagens estavam circulando pelo mundo. Em 1844, George Skene Keith, filho de Alexander Keith, relacionou a geografia da Terra com sua história bíblica, incluindo suas fotografias para ilustrar o livro de seu pai. Bíblias ilustradas, pinturas de David Roberts e William Holman Hunt, e álbuns fotográficos logo despertaram o interesse pela Terra Santa, e entre 1840 e 1880 mais de 1.600 livros de viagem foram publicados apenas na Inglaterra. Enquanto os viajantes judeus “contemplavam com tristeza” a ruína e a desolação da Terra, muitos cristãos, em contrapartida, frequentemente escreviam sobre ela “em um tom de empolgação de tirar o fôlego”.²⁸

Ruth Goldschmidt-Lehmann observa “o notável interesse que os britânicos tiveram sobre a Terra Santa” durante o século 19. Não havia simplesmente “nenhum limite para a literatura”²⁹ que produziu passeios de peregrinação, pesquisas arqueológicas e expedições científicas. Essa foi a “Era da Redescoberta”,³⁰ a era do topógrafo, pintor, cartógrafo, arqueólogo, viajante e missionário. Em 1862, A.P. Stanley, autor de *Sinai e Palestina em Conexão com sua História* (1856), serviu como guia para o Príncipe de Gales (mais tarde Eduardo VII) em seu tour pela “Palestina”, uma visita que aumentou ainda mais a consciência pública e o interesse pela terra da Bíblia.

Edward Robinson

William McClure Thomson (1806-1894), um missionário americano que residiu na “Palestina” por muitos anos, descreveu sua terra adotiva como:

... uma vasta tábua onde as mensagens de Deus para os homens foram desenhadas e gravadas com caracteres profundos e vivos pelo Grande Editor de boas notícias, para serem vistas e lidas por todos até o fim dos tempos.³¹

Edward Robinson (1794-1863) foi o homem responsável por desenterrar essa “tábua antiga” durante uma expedição que empreendeu em 1838 com o missionário americano Eli Smith. De acordo com Silberman, Robinson e Smith começaram a resgatar “a alma histórica da Palestina” através de sua “busca insistente pelo passado”.³² O relato de Robinson de como “a Terra Prometida se revelou”³³ diante de seus olhos foi publicado em 1841 com o título, *Pesquisas Bíblicas na Palestina, Monte Sinai e Arábia Petraea*, cuja cópia J. N. Darby possuía.

Edward Robinson, o decano da arqueologia bíblica, liderou uma longa linhagem de evangélicos que ficou profundamente comovida durante sua viagem à Terra Santa.³⁴ Tão grande foi o impacto da pesquisa deste “geógrafo bíblico” que ele foi seguido por “uma longa expedição de geógrafos, missionários e clérigos protestantes, todos os quais estavam preocupados principalmente em

²⁷ *Photographic Heritage of the Holy Land 1839-1914*, ed. Eyal Onne (Manchester: Institute of Advanced Studies, Manchester Polytechnic, 1980), 7-8.

²⁸ *Elon, The Israelis*, 84-85.

²⁹ Ruth P. Goldschmidt-Lehmann, *Britain and the Holy Land 1800-1914: A Select Bibliography* (London: *The Jewish Historical Society of England*, 1995), vii.

³⁰ Ben-Arieh, *The Rediscovery of the Holy Land*, 230.

³¹ William McClure Thomson, *The Land and the Book; or, Biblical Illustrations drawn from the Manners and Customs, the Scenes and Scenery of the Holy Land* (London: T. Nelson and Sons, 1901), xvi.

³² Silberman, *Digging for God and Country*, 47.

³³ Edward Robinson and Eli Smith, *Biblical Researches in Palestine, Mount Sinai and Arabia Petraea. A Journal of Travels in the Year 1838: Vol. I* (London: John Murray, 1841), v.

³⁴ Robinson and Smith, *Biblical Researches: Vol. III*, 75.

confirmar a verdade da Bíblia”. As *Pesquisas Bíblicas* de Robinson desencadearam uma “avalanche de livros”³⁵ e sua obra tornou-se um livro didático referenciado em faculdades e universidades teológicas ao redor do mundo.³⁶ Ben-Arieh descreve-o como “uma pedra angular da exploração palestina do século 19”³⁷, enquanto Isaac Da Costa, um eminente poeta e teólogo holandês que ajudou a instilar um “profundo respeito e amor”³⁸ pelo povo judeu na família de Corrie ten Boom, observou como, através do trabalho de homens como Edward Robinson, “as ruínas de Jerusalém, bem como os ossos secos do Israel disperso, apresentam um apelo ao coração e à mente do cristão”.³⁹

O Fundo de Exploração da Palestina

O Coronel George Gawler (1796-1869), um veterano de Waterloo e fundador da Associação em prol do Assentamento Judaico na Palestina (1852), foi um dos muitos que procuraram solucionar o estado desolado da Terra. Em seu livro, *Tranquillisation of Syria and the East* (1845), ele sugeriu que era hora de “recuperar as cidades e campos desertos da Palestina com o povo energético cujas afeições mais calorosas estão enraizadas no solo”.⁴⁰ Defendendo a causa da emancipação judaica na Grã-Bretanha, Gawler conectou a restauração dos judeus com interesses imperiais britânicos⁴¹ e em 1849 acompanhou Sir Moses Montefiore, presidente do Conselho de Deputados dos Judeus Britânicos, em uma de suas sete visitas à Terra. Sempre pragmático, Gawler foi fundamental para persuadir Montefiore a estabelecer assentamentos agrícolas em *Eretz Yisrael*.

Após uma reunião de clérigos e arqueólogos na Abadia de Westminster,⁴² o Fundo de Exploração da Palestina (P.E.F) foi fundado em 22 de junho de 1865 para investigar “a arqueologia, geografia, geologia e história natural da Terra Santa”.⁴³ Sir George Grove e Arthur P. Stanley estabeleceram o Fundo em uma base não sectária para garantir o apoio de restauracionistas cristãos como Lord Shaftesbury e James Finn, e líderes judeus como Montefiore e Barão Lionel de Rothschild. A Rainha Vitória serviu como patrona.⁴⁴ Nomeado presidente em 1875, Shaftesbury declarou em seu discurso de abertura:

Não nos demoremos a enviar os melhores agentes ... para procurar o comprimento e largura da Palestina, para inspecionar a terra, e se possível passar por cada canto dela, drená-la, medi-la, e ... prepará-la para o retorno de seus antigos possuidores, pois devo acreditar que o tempo não pode estar longe antes que esse grande evento venha a acontecer.⁴⁵

³⁵ Naomi Shepherd, *The Zealous Intruders* (London: Collins, 1987), 14, 78.

³⁶ Moscrop, *Measuring Jerusalem*, 20.

³⁷ Ben-Arieh, *The Rediscovery of the Holy Land*, 90.

³⁸ Corrie ten Boom, *Father ten Boom: God's Man* (Eastbourne: Kingsway Publications, 1980), 33.

³⁹ Da Costa, *Israel and the Gentiles*, 15.

⁴⁰ George Gawler, *Tranquillisation of Syria and the East: Observations and practical suggestions, in furtherance of the establishment of Jewish colonies in Palestine, the most sober and sensible remedy for the miseries of Asiatic Turkey* (London: T.&W. Boone, 1845), 6.

⁴¹ John M. Shaftesley and Norman Bentwich, “Forerunners of Zionism in the Victorian Era,” in *Remember the Days: Essays on Anglo-Jewish History presented to Cecil Roth by Members of the Council of the Jewish Historical Society of England*, ed. John M. Shaftesley (London: The Jewish Historical Society of England, 1966), 214.

⁴² Moscrop, *Measuring Jerusalem*, 70-71.

⁴³ Quoted in Tibawi, *British Interests in Palestine*, 184.

⁴⁴ Palestine Exploration Fund, “Brief Narrative of the Proceedings of the Palestine Exploration Fund,” *Palestine Exploration Fund*, 1 (1870), 10-12.

⁴⁵ Quoted in Tuchman, *Bible and Sword*, 249-50.

O trabalho na Pesquisa de Artilharia de Jerusalém começou em 1864 sob o comando do oficial do exército britânico e mais tarde presidente do Fundo, Sir Charles Wilson (1836-1905). As escavações de Jerusalém do General Sir Charles Warren (1840-1927) logo se seguiram. Em sua Pesquisa, Wilson descreveu a cidade sagrada como “um dos lugares mais insalubres do mundo” devido à “qualidade inferior da água e à presença de uma enorme massa de lixo que vinha se acumulando há séculos”.

É evidente, ao ler suas descobertas, que Wilson e Warren eram bem versados nas Escrituras, uma característica comum entre exploradores, topógrafos e arqueólogos na era vitoriana. Seu trabalho foi mais tarde editado e republicado para “servir como um auxílio adicional para verdadeiros estudantes da Bíblia”.⁴⁶

No mesmo ano em que o Fundo foi criado, Charles F. Zimpel, um engenheiro civil e luterano alemão, publicou um apelo ao povo judeu para usar sua riqueza e intelecto “para promover os eventos que finalmente irão e devem levar à restauração de sua nação naquela terra que, por promessa divina, verdadeira e principalmente, pertence a vocês por direito.”⁴⁷ Mais de 100 mil cópias de seu apelo, traduzido para várias línguas, foram vendidas. Para ajudar os judeus, Zimpel propôs a construção de uma ferrovia na Terra Santa, e fez um apelo para levantar um milhão de euros a:

... todos os verdadeiros cristãos que, conforme Isaías 66.10-14, amam Jerusalém e acreditam em toda a Bíblia, e, conseqüentemente, no retorno pessoal de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo para estabelecer seu Milênio na Terra.

Zimpel estava convencido de que os sinais dos tempos apontavam para o retorno iminente de Cristo, sendo o mais notável a ascensão do antisemitismo na Europa, especialmente na Polônia. Ele previu o dia em que as nações aproveitariam a primeira oportunidade “para se livrar de seus credores [judeus] e expulsá-los de suas casas”, e acreditava que a única opção para os judeus seria emigrar para “seu próprio lar”, “confirmando, assim, todos os profetas”.⁴⁸

Em 1872, o cartógrafo Claude Reignier Conder (1848-1910), cujos mapas da Terra Santa foram usados pelo General Allenby durante sua campanha “Palestina” e que alcançou aclamação internacional por sua tradução das tabuinhas de Tel-Amarna, iniciou a *Pesquisa da Palestina Ocidental*. Em *A Cidade de Jerusalém* (1888), Conder declarou: “Não dependemos mais dos escritos de Josefo e Tácito, ou dos relatos confusos dos peregrinos medievais. Nossas ideias são baseadas em vestígios existentes”.⁴⁹ Em 1892, ele se dirigiu à filial londrina do movimento *Chibbath Zion*, insistindo que o assentamento agrícola da Terra só poderia ser alcançado pelos próprios judeus. Como Tuchman concluiu:

Foi o grande trabalho do Fundo ... para mostrar que a Palestina já fora uma vez habitada por uma população muito maior e uma civilização mais avançada do que geralmente era suposto e, portanto, isso poderia acontecer novamente.⁵⁰

⁴⁶ *The Recovery of Jerusalem: A Narrative of Exploration and Discovery in the City and the Holy Land*, by Capt. Wilson, R. E., Capt. Warren, R. E., with an introduction by Arthur Penrhyn Stanley: Vol. I, ed. Walter Morrison (London: Richard Bentley, 1871), 3, v.

⁴⁷ Charles F. Zimpel, *An Appeal to all Christians and the Jewish Nation to Liberate Jerusalem* (London: G. J. Stevenson, 1865), 12.

⁴⁸ Charles F. Zimpel, *Railway between the Mediterranean, the Dead Sea, and Damascus, by way of Jerusalem, with branches to Bethlehem, Hebron, Nablous, Nazareth, and Tiberias* (London: G. J. Stevenson, 1865), 23, 15.

⁴⁹ Claude Reignier Conder, *The City of Jerusalem* (London: John Murray, 1909), 2.

⁵⁰ Tuchman, *Bible and Sword*, 249.

Tours de Thomas Cook

Pouco antes da abertura em 1869 do Canal de Suez, o qual David Lloyd George mais tarde descreveu como a “veia jugular”⁵¹ do Império Britânico, o pregador batista inglês Thomas Cook (1808-1892) aproveitou o interesse público no Oriente Médio lançando suas “Turnês orientais”. Cook logo “monopolizou o mercado” na Terra Santa com suas “Turnês Bíblicas Educacionais” para ministros, professores de escola dominical e de teologia. Elas se tornaram extremamente populares,⁵² e por volta de 1882 mais de quatro mil pessoas haviam viajado em uma turnê de Cook. Seu *Guia de Viagem para a Palestina e Síria* não apenas descrevia “todos os principais lugares de interesse e a melhor maneira de visitá-los”, mas também deu “informações concisas sobre as associações históricas da Palestina” e corroborou o registro bíblico. Cook se referiu a Jerusalém em termos pungentes:

Ninguém depois de ler o breve resumo da história de Jerusalém, ou os detalhes patéticos de sua queda, não consegue ficar sem se lembrar de algumas daquelas tocantes vozes de profecia que, como um longo lamento através dos tempos, têm chorado por Sião.⁵³

LORD SHAFTESBURY

Conforme observado anteriormente, um homem que foi inspirado pelos relatórios arqueológicos da Terra Santa foi o filantropo cristão e 7º Conde de Shaftesbury, Anthony Ashley Cooper (1801-1885). A “fé apaixonada pelas Escrituras Judaicas”⁵⁴ de Shaftesbury foi incentivada em grande parte por sua babá, Maria Millis, enquanto suas crenças pré-milenistas tomaram forma após uma reunião com Edward Bickersteth em 1835.⁵⁵ Essas crenças formaram a base do artigo de Shaftesbury, *O Estado e Perspectivas dos Judeus*, publicado na edição de dezembro de 1838 da prestigiosa revista da Igreja da Inglaterra, *Revisão Trimestral*. O artigo incluiu uma revisão das *Cartas sobre o Egito, Edom e a Terra Santa* escritas por Lord Lindsay. Em trechos publicados no jornal *The Times*, Shaftesbury fez alusão à “aproximação de espírito entre cristãos e hebreus, para nutrir a mesma crença nas glórias futuras de Israel, para oferecer a mesma oração, e antecipar a mesma consumação”. Conforme *The Times* mencionou, Shaftesbury “despertou a atenção pública para as reivindicações que o povo judeu ainda tem sobre a terra de Israel como sua herança legítima”.⁵⁶

Convencido de que a Grã Bretanha era o instrumento levantado por Deus para a restauração dos judeus, Shaftesbury incentivou seu padraсто, Henry John Temple Palmerston, então secretário britânico das Relações Exteriores e mais tarde primeiro-ministro, a estabelecer um consulado britânico em Jerusalém. Palmerston era “um dos mais pitorescos ministros do gabinete da Rainha Vitória”⁵⁷ cujo interesse pelos judeus provinham puramente de interesses imperiais, em vez de evangélicos. Se Shaftesbury “representava a Bíblia”, Palmerston representava “a espada”.⁵⁸ Quando Palmerston aprovou a criação de um consulado, Shaftesbury acreditava que a Grã-Bretanha tinha “alcançado o louvor de ser a primeira das nações gentias que deixara de ‘pisotear Jerusalém’”.⁵⁹ Crombie descreve sua abertura oficial em março de 1839

⁵¹ Lloyd George, *War Memoirs*: Vol. II, 1070.

⁵² Shepherd, *The Zealous Intruders*, 176, 180.

⁵³ Thomas Cook, *Cook's Tourist's Handbook for Palestine and Syria*, Revised ed. (London: Thomas Cook & Son, 1911), vi, 66.

⁵⁴ Hamilton, *God, Guns and Israel*, 67.

⁵⁵ Geoffrey B.A.M. Finlayson, *The Seventh Earl of Shaftesbury 1801-1885* (London: Eyre Methuen Ltd., 1981), 104.

⁵⁶ *The Times*, 24 January (1839), 3.

⁵⁷ Hamilton, *God, Guns and Israel*, 64.

⁵⁸ Tuchman, *Bible and Sword*, 176.

⁵⁹ *The Times*, 24 January (1839), 3.

e a nomeação de William Tanner Young como vice-cônsul como “um movimento geopolítico sólido”⁶⁰ que permitiu à Grã-Bretanha manter um olhar atento sobre a Rússia e a França na região. Esse foi o primeiro consulado a ser aberto em Jerusalém por um poder europeu⁶¹ e a primeira vez que uma nação europeia expressou preocupação com a proteção da população judaica.⁶² Como Young declarou em uma carta a Palmerston datada de 25 de maio de 1839, “o judeu em Jerusalém é estimado em valor, não muito acima de um cão”.⁶³

A correspondência entre o Ministério das Relações Exteriores e o Consulado ilustra não apenas a importância da proteção dos judeus aos interesses imperiais britânicos, mas também o quão alerta o Ministério das Relações Exteriores estava para aqueles que estavam observando os desenvolvimentos através das lentes da profecia bíblica. Em uma carta a Sir Stratford Canning datada de 8 de janeiro de 1844, Young menciona um partido anônimo “que está olhando para Jerusalém e Palestina como o grande Teatro no qual o cumprimento da Profecia está perto de ser realizado a respeito da restauração dos judeus”.

Embora Young tenha rejeitado o que chamou de “Teorias Especulativas concernentes a uma visão sobrenatural do futuro”,⁶⁴ ele considerou os judeus como o povo “a quem Deus originalmente havia dado aquela terra como posse”,⁶⁵ jornais ingleses não só dedicaram espaço considerável à proposta de restauração da pátria judaica, mas também à “perseguição horrível” que os judeus sofreram após a “difamação de sangue” de Damasco em 1840. Isso gerou “interesse extraordinário... por toda a Europa”,⁶⁶ e em 6 de julho de 1849 o *The Times* dedicou “uma enorme espaço”⁶⁷ descrito por Epstein como “uma abertura para a ópera do preconceito moderno”.⁶⁸ Vários artigos condenando a “difamação de sangue” como completamente infundados apareceram nas edições seguintes,⁶⁹ como fez Menasseh ben Israel numa carta escrita a Oliver Cromwell em 1656, em que havia pedido a refutação de acusações semelhantes contra os judeus.⁷⁰ Em seu principal artigo de 17 de agosto de 1840, o jornal observou como “as mentes dos judeus” tinham sido direcionadas à terra de seus antepassados “em antecipação a reconstrução do Estado judeu”, e como os cristãos estavam se esforçando “para criar instalações e remover obstáculos” enquanto “observavam atentamente os próximos eventos cujas sombras estão agora passando pelo horizonte político”.⁷¹

Em 26 de Agosto de 1849, o *The Times* imprimiu o *Memorando às Lideranças Protestantes do Norte da Europa e da América*, que havia sido assinado e selado em Londres em 8 de janeiro de 1839 “em nome de muitos que esperam pela redenção de Israel”. Citando as Escrituras, o *Memorando* destacou a perseguição dos judeus pelas nações, enfatizou a natureza “não revogada” da Aliança Abraâmica, anunciou que a “figueira brota suas folhas novamente (Mateus 24.32)” e lembrou aos cristãos que Deus tinha “dado ao povo que o aguarda [a igreja] a capacidade de ouvir o som de seus passos se aproximando, e perceber os sinais de sua iminente

⁶⁰ Crombie, *A Jewish Bishop in Jerusalem*, 57.

⁶¹ Albert M. Hyamson, “Preface,” in Hyamson, *The British Consulate*, ix.

⁶² *Ibid.*, “Introduction,” xxxiii.

⁶³ “WM.T. Young to Viscount Palmerston, F.O.78/368 (No.13), 25 May 1839,” in Hyamson, *The British Consulate*, 6.

⁶⁴ “WM.T. Young to Sir Stratford Canning, F.O.78/581 (No.1), 8 January 1844,” in Hyamson, *The British Consulate*, 64-65.

⁶⁵ “WM.T. Young to Viscount Palmerston, F.O.78/368 (No.8), 14 March 1839,” in Hyamson, *The British Consulate*, 3-4.

⁶⁶ *The Times*, 25 June (1840), 12.

⁶⁷ *The Times*, 6 July (1840), 12.

⁶⁸ Lawrence J. Epstein, *Zion's Call: Christian Contributions to the Origins and Development of Israel* (London: University Press of America, 1984), 31.

⁶⁹ Crombie, *A Jewish Bishop in Jerusalem*, 59-60.

⁷⁰ *The Times*, 6 July (1840), 8.

⁷¹ *The Times*, 17 August (1840), 4.

vinda (1 Tessalonicenses 1.4)”. O *Memorando* concluiu com um apelo às lideranças ocidentais⁷² para que assumissem o manto de *Ciro* e facilitassem o retorno dos judeus à sua antiga pátria. O editorial do jornal sugeriu que, por mais improvável que seja, “a restauração e a nacionalização do povo judeu... podem, em última análise, tornar-se os meios... de estabelecer um novo foco de civilização nessa peculiar região”.⁷³ Em 24 de julho de 1840, Shaftesbury fez a seguinte anotação em seu diário: “Ansioso pelas esperanças e perspectivas do povo judeu. Tudo parece maduro para seu retorno à Palestina; ‘o caminho dos reis do Oriente está preparado’”. Em 1º de agosto de 1840, após expor seu esquema de reassentamento judeu para Palmerston durante o jantar, ele escreveu:

Palmerston tem sido escolhido por Deus para ser um instrumento do bem para seu povo antigo; para homenagear, por assim dizer, à sua herança, e reconhecer seus direitos sem crer no destino deles. Embora o motivo seja bom, não é agradável. Sou obrigado a discutir politicamente, financeiramente e comercialmente; essas considerações atingem em cheio seu coração; ele chora não como seu Mestre sobre Jerusalém, nem ora para que agora, finalmente, Israel possa usar suas belas vestimentas.⁷⁴

Em 11 de agosto de 1840, Palmerston escreveu ao Visconde Ponsonby, o embaixador britânico em Constantinopla, para informá-lo da “forte convicção” entre os judeus europeus “de que se aproxima o momento em que sua Nação deve retornar à Palestina; e, por isso, o desejo deles de ir para lá tornou-se mais intenso”.⁷⁵ Em sua opinião, seria interessante para o bem do próprio Sultão da Turquia encorajar os judeus a se estabelecer na Terra sobre a qual ele tinha jurisdição. Em 17 de agosto de 1840, o *The Times* descreveu “a restauração proposta” como um novo elemento da questão do Oriente”, e apesar de admitir que não tinha competência para discutir a base bíblica para seu retorno, observou como os judeus, “embora desprovidos de seu templo, sua cidade e seu país, nunca deixaram de ser um povo”.⁷⁶ Shaftesbury não conseguia conter sua excitação, e registrou em seu diário:

Então, quem teria acreditado, há alguns anos, que este assunto viria a ser tratado em um jornal de grande circulação, de forma séria, sincera e zelosa; pois foi o que aconteceu; e quem não vê a mão de Deus escrevendo na parede?... Que caos de esquemas e disputas se desenha no horizonte, pois chegou o tempo em que os assuntos dos judeus estarão de fato e plenamente diante do mundo! Haverá um turbilhão de paixões e sentimentos no coração dos homens!⁷⁷

Em 25 de setembro de 1840, Shaftesbury apresentou suas propostas a Palmerston “para a convocação dos judeus para sua terra antiga”.⁷⁸ Em 23 de outubro, logo após a ida da delegação da Igreja da Escócia à Terra Santa, *O Memorial do Comitê Interino da Assembleia Geral da Igreja*

⁷² The Times, 26 August (1840), 5; 17 August (1840), 4. Foi endereçado a “Victoria, pela Graça de Deus, Rainha da Grã-Bretanha e Irlanda; Frederico (William) III, Rei da Prússia; William (Frederick) Rei dos Países Baixos; Carlos (João) XIV, Rei da Suécia e Noruega; Frederico VI, Rei da Dinamarca; Ernesto Augusto, Rei de Hanôver; Guilherme, Rei de Wurtemberg; Os Príncipes Soberanos e Eleitores da Alemanha; Os cantões da Confederação Suíça que professam a religião reformada; e Os Estados da América do Norte, Zelosos pela Glória de Deus”.

⁷³ The Times, 26 August (1840), 4.

⁷⁴ Edwin Hodder, *The Life and Work of the Seventh Earl of Shaftesbury*, K. G.: Vol. I (London: Cassell & Company Ltd., 1886), 310-11.

⁷⁵ “Viscount Palmerston to Viscount Ponsonby, F.O.78/390 (No.134), 11 August 1840,” in Hyamson, *The British Consulate*, 33-34.

⁷⁶ The Times, 17 August (1840), 4.

⁷⁷ Hodder, *Shaftesbury*: Vol. I, 311.

⁷⁸ Tuchman, *Bible and Sword*, 198.

da Escócia para promover o Cristianismo entre os Judeus também foi apresentado a Palmerston, para pedir a proteção dos judeus na “Palestina” contra seus vizinhos árabes. Uma cópia foi encaminhada ao Embaixador Ponsonby em Constantinopla.⁷⁹ Em 2 de março de 1841, o *Humilde Memorial dos Habitantes Subscritos de Carlow e Seus Arredores*, assinado por 320 signatários irlandeses, convocou o governo britânico a imitar Ciro e lembrar o “decreto irreversível do Céu de que “a nação ou o reino que não servirem a Israel perecerão [Isaías 60.12]”.⁸⁰ Três anos depois, um clérigo chamado Samuel Alexander Bradshaw apresentou ao Parlamento seu próprio *Apelo em favor dos Judeus*, no qual pedia que 5 milhões de libras fossem reservados pelo governo para a reconstrução de Jerusalém.⁸¹ Aqueles foram tempos especialmente notáveis para a Grã-Bretanha e para o movimento Restauracionista em particular.

O Bispado de Jerusalém

Enquanto estava de férias na Itália em 1834, Shaftesbury conheceu o embaixador prussiano na Suíça, Chevalier (Barão Christian Karl Josias) Busen.⁸² Isso levou a uma calorosa troca de correspondência com o rei Frederico Guilherme IV da Prússia, que por sua vez abriu caminho para o estabelecimento, pela Grã-Bretanha e Prússia, do bispado de Jerusalém.⁸³ O movimento foi projetado não apenas para ajudar a proclamação do evangelho na Terra Santa mas também para proteger os interesses protestantes, facilitar a unidade entre as igrejas protestantes, e resistir “às invasões da Sé de Roma”.⁸⁴ A aprovação real para o bispado foi concedida em 5 de outubro de 1841, o que levou à renúncia da Igreja da Inglaterra de John Henry Newman, que se filiou à Igreja de Roma.

Alexander McCaul da LSPCJ (London Society for Promoting Christianity among the Jews) foi convidado a se tornar o primeiro bispo anglicano de Jerusalém,⁸⁵ mas depois que ele recusou o cargo, Shaftesbury Alexander, um rabino prussiano convertido que havia servido anteriormente na Sociedade Londrina (LSPCJ).⁸⁶ Alexander havia sido ordenado como diácono na Igreja da Irlanda em 10 de junho de 1827 pelo Arcebispo William Magee,⁸⁷ que, um ano antes, tinha ordenado J. N. Darby como padre. Alexander foi consagrado como “Bispo da Igreja Unida da Inglaterra e da Irlanda em Jerusalém”⁸⁸ no Palácio Lambeth em 7 de novembro de 1841. Shaftesbury registrou a ocasião:

O acontecimento todo foi maravilhoso, e para aqueles que trabalharam e oraram pela causa judaica, foi emocionante demais ver um hebraico nativo nomeado, sob a direção de Deus, pela Igreja Inglesa para fazer renascer o Episcopado de Tiago, e levar de volta para a Cidade Santa as verdades e bênçãos que nós gentios havíamos recebido dela... A ordem da Providência agora parece exigir que na mesma medida que desprezamos o

⁷⁹ “Viscount Palmerston to Viscount Ponsonby, F.O.78/391 (No.248), 24 November 1840,” in Hyamson, *The British Consulate*, 34-35.

⁸⁰ Kobler, *The Vision Was There*, 63.

⁸¹ Samuel Alexander Bradshaw, *A Tract for the Times, Being A Plea for the Jews* (London: Edwards & Hughes, 1844).

⁸² Crombie, *A Jewish Bishop in Jerusalem*, 52-53.

⁸³ Finlayson, *The Seventh Earl of Shaftesbury*, 115.

⁸⁴ *The Church of England 1815-1948: A Documentary History*, ed. R. P. Flindall (London: SPCK, 1972), 102.

⁸⁵ Crombie, *A Jewish Bishop in Jerusalem*, 79-80; A. Bernstein, *Jewish Witnesses for Christ* (Jerusalem: Keren Ahvah Meshihit, 1999), 81.

⁸⁶ See John Hatchard, *The Predictions and Promises of God respecting Israel*. Um Sermão pregado na quarta-feira, 22 de junho de 1825, na Igreja Paroquial de St. Andrew's, Plymouth, no batismo do Sr. Michael Solomon Alexander, falecido leitor da Sinagoga Judaica (Plymouth: 1825), 37-40.

⁸⁷ Crombie, *A Jewish Bishop in Jerusalem*, 30-32.

⁸⁸ Owen Chadwick, *The Victorian Church, Part I* (London: Adam & Charles Black, 1966), 191.

judeu seremos obrigados a nos humilhar. Sua dignidade futura será proporcional à sua degradação passada. Que assim seja; eu posso me alegrar em Sião por uma capital, em Jerusalém por uma igreja, e em hebraico por um rei.⁸⁹

Em 1849, a primeira igreja Protestante em Jerusalém foi consagrada. Seu nome, Igreja de Cristo, foi dado:

... em memória do mais sincero desejo dos promotores do empreendimento, de que esta igreja deveria estar no Monte Sião, dedicado ao Messias, em testemunho não apenas de seu próprio amor pela nação e cidade dos judeus, mas também da adesão da Igreja da Inglaterra às doutrinas simples do Evangelho, em oposição a toda adoração supersticiosa e idólatra.⁹⁰

Com o início do desmoronamento do poderoso Império Otomano, surgiu a questão de quem governaria seu território. Shaftesbury declarou: “Há um país *sem nação*; e Deus agora, em sua sabedoria e misericórdia, nos direciona a *uma nação sem país*. Aqueles uma vez amados por ele, ou melhor dizendo, ainda hoje seu povo amado, os filhos de Abraão, Isaque e Jacó.”⁹¹ Em seu tributo a Shaftesbury, “o venerável defensor da Palestina”,⁹² Hodder escreve:

Em sua oração diária, em sua esperança diária: “Oh, ore pela paz de Jerusalém!” foram as palavras gravadas no anel que ele sempre usava em sua mão direita – palavras que, também, estavam gravadas em seu coração. Seu estudo das Escrituras Proféticas o levou a associar o retorno dos judeus ao Segundo Advento de nosso Senhor, e esta foi a esperança que animou todos os outros.⁹³

Embora os planos para a restauração dos judeus tenham sido suspensos durante a Guerra da Criméia (1854-1856), Shaftesbury nunca perdeu a esperança. A busca por antiguidades bíblicas, descrita como “uma extensão silenciosa da ‘Questão Oriental’ travada no campo da batalha do passado”,⁹⁴ garantiu que a “Palestina” permanecesse à vista. Outras personalidades agora surgiram que indiretamente defenderam a causa restauracionista, incluindo George Eliot, cujo romance, *Daniel Deronda* (1876), foi descrito como “o testemunho mais orgulhoso do reconhecimento inglês da ideia sionista”.⁹⁵

Outro notável defensor foi Benjamin Disraeli, cujo apoio foi expresso em seus romances *Alroy* (1833), *Tancred* (1844) e *Coningsby* (1847). Quando o projeto de juramento parlamentar recebeu sua segunda leitura na Câmara dos Comuns em 25 de maio de 1854, Disraeli fez “um discurso cauteloso e pesado” para que fosse permitida a participação dos judeus no Parlamento. Ele lembrou à Câmara que, como uma assembleia “cristã”, o país possuía uma dívida imensurável para com os judeus, pois sem a Bíblia não teria existido a Câmara dos Comuns. Ele também apontou que os judeus eram “um povo antigo, um povo famoso, um povo duradouro” que tinha “sobrevivido a reis assírios, faraós egípcios, césares romanos e califas árabes”. Era sábio, ele acreditava, que a Inglaterra lhes concedesse emancipação completa, uma vez que “nenhum país que perseguira os judeus havia prosperado”.⁹⁶

⁸⁹ Hodder, Shaftesbury: Vol. I, 379-80.

⁹⁰ William Ayerst, *The Jews of the Nineteenth Century: A Collection of Essays, Reviews, and Historical Notices*, originally published in the “*Jewish Intelligence*” (London: 1848), 394.

⁹¹ Hodder, Shaftesbury: Vol. II, 478.

⁹² Tuchman, *Bible and Sword*, 176, 249.

⁹³ Hodder, Shaftesbury: Vol. II, 477.

⁹⁴ Silberman, *Digging for God and Country*, 4.

⁹⁵ Sokolow, *History of Zionism*: Vol. I, 212.

⁹⁶ Alexander Charles Ewald, *The Right Hon. Benjamin Disraeli, Earl of Beaconsfield, K.G., and his Times*: Vol. I (London: William Mackenzie, 1882), 290-91.

WILLIAM HENRY HECHLER

Agora voltamos nossa atenção para o homem a quem os sionistas judeus parecem recusar-se a crer, mas que abriu a porta para Theodor Herzl e seu manifesto sionista.

Nomeado capelão da Embaixada Britânica em Viena em 1885, William foi convidado para o Primeiro Congresso Sionista na Basileia, onde recebeu uma manifestação pública de agradecimento de Herzl.⁹⁷ Hechler conheceu pela primeira vez o líder sionista em seu estúdio em 10 de março de 1896, numa época em que Herzl havia ficado desanimado por não conseguir apoio financeiro para seu manifesto da parte dos Rothschilds.⁹⁸ Embora a publicação de *Der Judenstaat* (O Estado Judeu) em fevereiro de 1896 tivesse renovado suas esperanças, Herzl não conseguira marcar uma audiência com aqueles cujo apoio político ele desesperadamente precisava. Sentindo-se atormentado e miserável,⁹⁹ ele buscou incansavelmente por uma solução diplomática que resolvesse seu problema numa *tacada* só. Inesperadamente, certa ocasião, entrou por sua porta um inglês excêntrico e de barba longa¹⁰⁰ chamado William Hechler, descrito por alguns como “o agente secreto com uma política muito concisa: a de que Deus estava guiando a história de seu povo em seu período premissiânico sionista”.¹⁰¹

Em seus diários, Herzl fala sobre Hechler de modo caloroso, descrevendo este “visionário ingênuo” como um “homem simpático e sensível com uma longa barba cinzenta de um profeta”, que era “peculiar e complexo”,¹⁰² mas completamente honesto”.¹⁰³ Embora Hechler afirmasse que havia previsto o dia de Herzl, ele insistiu que ele “não era um profeta, nem filho de profeta, mas apenas um humilde estudante de profecia que observava os sinais dos tempos”,¹⁰⁴ e que seu envolvimento no movimento restauracionista era simplesmente “como cristão e crente na verdade da Bíblia”.¹⁰⁵ Depois de visitar Hechler em 15 de março de 1896, Herzl anotou em seu diário que ele tinha visto “nada além de Bíblias”¹⁰⁶ no estúdio de Hechler.

O primeiro avanço diplomático de Herzl veio quando Hechler o apresentou ao Grão-Duque Frederico Guilherme de Baden, cujo filho Hechler havia ensinado alguns anos antes. O Grão-Duque demonstrou-se favorável ao povo judeu, tendo conversado com Hechler muitas vezes sobre profecia, e arranjado para Herzl encontrar seu sobrinho, Kaiser Wilhelm II. O Kaiser, por sua vez, marcou uma reunião com o sultão Abdul Hamil. Escrevendo ao Grão-Duque em 26 de março de 1896, Hechler chamou sua atenção para o manifesto *O Estado Judeu*, e afirmou que era “um fato notável” que houvesse sido publicado numa época em que 100.000 judeus viviam

⁹⁷ Encyclopaedia of Zionism and Israel: Vol. II, ed. Patai, 950.

⁹⁸ Em uma carta ao Barão Maurice de Hirsch em 18 de junho de 1895, Herzl escreveu: “Por enquanto não há como ajudar os judeus. Se alguém lhes mostrasse a terra prometida, eles zombariam dele. Pois eles estão desmoralizados.... Eu não consigo fazer isso sozinho. Por isso estou desistindo. Como proposta prática, estou dando o assunto por encerrado.” (Amos Elon, Herzl [Nova York: Holt, Rinehart e Winston, 1975], 151-52.)

⁹⁹ The Complete Diaries: Vol. I, ed. Patai, 4. 100 Elon, Herzl, 186.

¹⁰⁰ Claude Duvernoy, The Prince and the Prophet (Christian Action for Israel, 1979), 70.

¹⁰¹

¹⁰² The Complete Diaries: Vol. I, ed. Patai, 310-12, 342.

¹⁰³ The Complete Diaries: Vol. III, ed. Patai, 1020.

¹⁰⁴ “Rev. W. H. Hechler to the Grand Duke Frederick of Baden. March 26, 1896,” in Hermann and Bessi Ellern, Herzl, Hechler, the Grand Duke of Baden and the German Emperor 1896-1904 / documents found by Hermann and Bessi Ellern, reproduced in facsimile (Tel Aviv: Ellern's Bank Ltd., 1961), 4-5.

¹⁰⁵ ¹⁰⁵ “Rev. W. H. Hechler to the Grand Duke Frederick of Baden. September 3, 1896,” in Ellern and Ellern, Herzl, 25.

¹⁰⁶ The Complete Diaries: Vol. I, ed. Patai, 311.

na “Palestina”, “o único país no mundo inteiro sobre o qual Deus declarou a quem pertence”.¹⁰⁷ Acreditando que a restauração prometida havia começado, Hechler insistiu com o Grão-Duque que promovesse o manifesto sionista de Herzl e posteriormente numa carta referiu-se a mais de quarenta recortes de jornais ingleses que demonstraram como “sinceramente e entusiasticamente”¹⁰⁸ a questão do retorno dos judeus havia sido retomada na Grã-Bretanha.

O interesse de Hechler pelos judeus era de longa data, seu pai Dietrich havia se juntado à LSPCJ (London Society for Promoting Christianity among the Jews) em 1854. Quando os pogroms russos eclodiram em 1881, William Hechler juntou-se a Shaftesbury para arrecadar fundos em prol do reassentamento de refugiados judeus.¹⁰⁹ Shaftesbury dirigiu-se à Câmara dos Lordes sobre o assunto,¹¹⁰ enquanto Hechler foi enviado para a Rússia para rogar aos judeus que fugissem para sua antiga pátria. Durante sua visita, ele conheceu Leo Pinsker em Odessa¹¹¹ e provavelmente o tenha convencido de que Eretz Yisrael era parte integrante da sobrevivência do povo judeu. Meses depois, Hechler publicou um panfleto delineando sua crença de que o retorno dos judeus tinha uma “conexão imediata” com a Segunda Vinda e que era dever de todos os cristãos “orar seriamente e ansiar pela restauração da nação escolhida por Deus, e a amar os judeus”. Ele também emitiu o seguinte aviso:

Bem-aventurada a nação que ama os judeus... E não esqueçamos as terríveis punições que aguardam aqueles que “odeiam” e “perseguem” os judeus.¹¹²

Numa carta escrita a um missionário cristão em Jerusalém em 1898, Hechler declarou:

Certamente ... você anseia pela conversão dos judeus, mas os tempos estão mudando rapidamente, e é importante que estejamos cada vez mais atentos. Estamos entrando agora, graças ao movimento sionista, na era messiânica de Israel. Assim, hoje não é apenas uma questão de abrir os portões de sua terra natal, e de sustentá-los em seu trabalho de limpar e irrigar a terra. Tudo isso, caro colega, é um trabalho messiânico; tudo isso o sopro do Espírito Santo profetiza. Mas primeiro os ossos secos devem ser vivificados, e ajuntados uns aos outros.¹¹³

De acordo com Paul Merkley, “Tudo sobre Hechler afetou poderosamente Herzl”, pois ele representava “a personificação viva do caminho que Herzl não tinha tomado – o caminho da fé piedosa”.¹¹⁴ Na mente de Herzl, a missão de seu “amigo devotado”¹¹⁵ era “bíblica” e merecia reconhecimento. Como ele escreveu em seu diário: “Seu conselho e seus preceitos têm sido excelentes até agora, e a menos que ele se revele mais tarde, de alguma forma ou de outra, um hipócrita, eu gostaria que os judeus lhe devotassem imensa gratidão”.¹¹⁶ (Hechler merecidamente recebeu uma pensão da Organização Sionista quando retornou à Inglaterra.) A admiração de Herzl por seu amigo cristão ficou ainda mais evidente quando ele lhe pediu que escrevesse um artigo na primeira edição de seu diário sionista, *Die Welt* (O Mundo). Hechler atendeu o pedido e fez o seguinte apelo apaixonado ao povo judeu:

¹⁰⁷ “Hechler to Frederick. March 26, 1896,” in Ellern and Ellern, Herzl, 2-3.

¹⁰⁸ “Hechler to Frederick. September 3, 1896,” in Ellern and Ellern, Herzl, 23.

¹⁰⁹ William D. Rubinstein and Hilary L. Rubinstein, *Philosemitism: Admiration and Support in the English-Speaking World for Jews, 1840-1939* (Basingstoke: Macmillan Press, 1999), 43.

¹¹⁰ Finlayson, *The Seventh Earl of Shaftesbury*, 582.,

¹¹¹ *Encyclopaedia Judaica*: Vol. VIII, 237.

¹¹² William Henry Hechler, *The Restoration of the Jews to Palestine* (London: 1884).

¹¹³ Quoted in Cohn-Sherbok, *The Politics of Apocalypse*, 67.

¹¹⁴ Paul C. Merkley, *The Politics of Christian Zionism 1891-1948* (London: Frank Cass, 1998), 23.

¹¹⁵ *Encyclopaedia of Zionism and Israel*: Vol. I, ed. Patai, 482.

¹¹⁶ *The Complete Diaries*: Vol. I, ed. Patai, 310, 342.

Filhos de Abraão, despertem! O próprio Deus, o Pai celestial, chama-os de volta para a sua antiga pátria e quer ser o seu Deus, como prometeu no passado por meio de seus profetas... Como cristão, creio assim como vocês no que veio a se chamar Movimento Sionista, pois de acordo com a Bíblia e seus antigos profetas um estado judeu deve ser criado na Palestina. Estou convencido pelos sinais de nosso próprio tempo de que os judeus logo recuperarão sua amada pátria ... Estou certo de que o estabelecimento de um estado judeu, com o apoio dos príncipes da Europa, inaugurará a salvação profetizada por Isaías, Miqueias e Zacarias.¹¹⁷

Questiona-se o que teria acontecido com o movimento sionista se Hechler não tivesse pedido o apoio de Herzl bem no dia em que o fez. O próprio Herzl fez uma declaração reveladora ao lembrar seu encontro em Londres em 1901 com Hechler e William Bramley-Moore, um membro da Igreja Católica Apostólica. Em seu diário, ele registrou como Hechler, em lágrimas, disse a ele que depois que haviam deixado Herzl naquele dia, Hechler e William visitaram a Igreja Católica Apostólica para orar pela restauração dos judeus. Herzl ficou profundamente comovido e escreveu: "Esses cristãos de coração simples são muito melhores que nossos ricos clérigos judeus."¹¹⁸

Hechler foi um dos últimos a ver Herzl no sanatório em Edlach, Áustria, um dia antes de sua morte.¹¹⁹ Segundo Claude Duvernoy, a amizade entre Hechler e Herzl...

... simbolizou uma realidade muito rara: a confluência amigável de duas correntes sionistas, entre um judeu e um cristão marchando lado a lado em direção ao mesmo reino e a mesma Jerusalém.¹²⁰

É importante notar que em março de 1914, com a guerra iminente, Hechler visitou Martin Buber em Berlim. Tendo falhado em conseguir uma audiência com o Kaiser, Hechler trouxe um aviso profético ao filósofo judeu: "Dr. Buber, logo você terá sua pátria de volta, pois uma grave crise está para vir, e o profundo significado disso é a libertação de sua Jerusalém messiânica do jugo das nações pagãs. Estamos caminhando para um 'Weltkrieg' [guerra mundial]."¹²¹ Hechler que estava no Parlamento quando os britânicos aceitaram oficialmente o Mandato para "Palestina" em 22 de julho de 1922, ficou cada vez mais abatido à medida que seus avisos não foram ouvidos. Como David Pileggi registra:

Ele avisou repetidamente aos seus amigos judeus que haveria um enorme massacre de judeus na Europa. Seus avisos se tornaram uma obsessão e ele os fez com cada vez mais frequência até sua morte em 1931. Tragicamente, as previsões de Hechler foram polidamente rejeitadas por todos.¹²²

CONCLUSÃO

Em 31 de outubro de 1917, pouco mais de uma década da morte de Herzl, o Gabinete Britânico concordou em apoiar os planos sionistas para uma pátria judaica, uma decisão que foi comunicada por uma carta do ministro britânico das Relações Exteriores, Arthur James Balfour a Lord Rothschild em 2 de novembro de 1917. Em 11 de dezembro de 1917, o general britânico

¹¹⁷ Quoted in Merkley, *The Politics of Christian Zionism*, 31.

¹¹⁸ *The Complete Diaries*: Vol. III, ed. Patai, 1161.

¹¹⁹ Ellern and Ellern, *Herzl*, v.

¹²⁰ Duvernoy, *The Prince and the Prophet*, 100

¹²¹ Quoted in Duvernoy, *The Prince and the Prophet*, 106.

¹²² Quoted in Merkley, *The Politics of Christian Zionism*, 34

Edmund Allendy, descendente direto de Oliver Cromwell¹²³ e um homem que “consultava a Bíblia diariamente”¹²⁴ estava nos degraus da Cidadela de Davi em frente à Igreja de Cristo durante a festa judaica de Hanukkah¹²⁵ para proclamar a liberação para os judeus. Sir Robert Anderson descreveu este evento como aquele que “dá esperança de que estamos nos aproximando da hora em que eles [os judeus] terão seu favor restaurado, e, portanto, a vinda do Senhor, que precede essa restauração, deve estar próxima”.¹²⁶ A Sociedade Londrina para Promover o Cristianismo entre os Judeus (LSPCJ) deu também sua resposta aos eventos acontecidos naquele importante ano:

Com um passo, a causa judaica realizou um grande avanço. Durante séculos, os judeus têm sido oprimidos, deprimidos, odiados e desprezados por todas as nações... mas agora há pelo menos uma perspectiva de serem estabelecidos mais uma vez em seu próprio país, e de se tornarem aos olhos do mundo uma Nação entre as Nações os judeus agora terão seu próprio lar em sua terra concedida por Deus. O dia de seu exílio está para findar. O que tudo isso significa para nós cristãos? À luz das Escrituras Proféticas reconhecemos que essa ação por parte do nosso governo e por parte dos Poderes Aliados... tem grande significado... Desde 70 A.D. Jerusalém e Palestina estão sob domínio gentio, e agora parece que estamos à beira de um cumprimento literal da última profecia, e isso é certa e claramente um aviso para nós de que o Senhor “está perto, mesmo às portas”.¹²⁷

O século 19 testemunhou um interesse incomparável na Terra Santa. Em 1985, Benjamin Netanyahu, então embaixador de Israel nas Nações Unidas, prestou o seguinte tributo em um café da manhã de oração em Washington aos cristãos que haviam apoiado seu povo durante esse período:

Sugiro que, para aqueles que conhecem a história do envolvimento cristão no sionismo, não há nada surpreendente nem novo sobre o apoio firme dado a Israel por cristãos em todo o mundo. Afinal, o que é o sionismo senão o cumprimento de profecias antigas?... Durante séculos havia em nossa tradição um anseio pelo retorno dos judeus à Terra de Israel. E esse sonho, que já durava dois milênios, tomou forma pela primeira vez com o sionismo cristão do século 19 – um movimento que paralelamente reforçava o sionismo judaico moderno... O que estou tentando resumir, em poucas palavras, é o longo, essencial e, finalmente, bem sucedido apoio dado ao sionismo moderno por forças poderosas e operantes da comunidade cristã a partir do século 19. Assim, foi o impacto do sionismo cristão sobre os estadistas ocidentais que ajudou o sionismo judaico moderno a alcançar o renascimento de Israel.¹²⁸

¹²³ Brian Gardner, *Allenby* (London: Cassell, 1965), 2.

¹²⁴ Hamilton, *God, Guns and Israel*, 163.

¹²⁵ Crombie, *A Jewish Bishop in Jerusalem*, 243.

¹²⁶ Anderson, *Unfulfilled Prophecy*, vii.

¹²⁷ Quoted in Crombie, *ANZACS*, 203.

¹²⁸ Benjamin Netanyahu, “Christian Zionism and the Jewish Restoration, 1985,”

<http://www.internationalwallofprayer.org/A-091-Christian-Zionism-and-the-Jewish-Restoration.html>, 15 June 2006; cf. Benjamin Netanyahu, *A Place among the Nations: Israel and the World* (London: Bantam Press, 1993), 16.